
Processo comunicacional: a língua brasileira de sinais e o jornalismo¹

Natascha Almeida DANTAS²

Grace Soares COSTA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

O presente artigo aborda o conceito e o histórico da Língua de Sinais Brasileira, as leis e decretos que a regem atualmente. Além disso, discorre as três formas que o processo comunicacional da pessoa surda pode acontecer, sendo elas: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo, sendo esta última vista como a mais eficiente. Este estudo realizou entrevistas com discentes, egressos e docentes do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM para descobrir como conheceram a língua, a importância da LIBRAS como forma de comunicação e se ela deve ser implementada na grade curricular.

PALAVRAS-CHAVE: Processo Comunicacional, LIBRAS, Jornalismo

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo geral estudar o processo comunicacional da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e como específicos contextualizar o surgimento dessa língua e as leis que a atualmente a regem. Abordou sua importância para o jornalismo como forma de comunicação questionando se deve ser ofertada como disciplina já que pode aumentar o alcance e eficácia das informações passadas.

Como metodologia, procurou-se desenvolver o estudo histórico em conjunto com o conceito de processos comunicacionais. Além disso, realizou entrevistas feitas em duas etapas: a primeira com alguns discentes e egressos e a segunda com docentes do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – Ufam.

¹ Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 02 a 09 de setembro de 2019

² Recém graduada do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas - Ufam, e-mail: natydantas_13@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas - Ufam, e-mail: grace.soares@gmail.com

O estudo se justifica por abordar um meio de comunicação que ainda não recebe sua devida visibilidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS, em 2015 existiam no Brasil 28 milhões de surdos, ou seja, 14% da população. Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE identificou, no Amazonas, 80 mil pessoas surdas na capital e um 120 mil em todo o estado.

Os números representam emissores de mensagens que precisam chegar aos seus receptores de forma eficiente. A LIBRAS, por ser uma língua própria, se difere do português em seus aspectos gramaticais. Daí se levanta a questão da necessidade de um ensino bilíngue, tanto nas escolas quanto nas universidades. Sobre o Bilinguismo, Quadros (1997) comenta que:

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinada em língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito (QUADROS, 1997, p. 27).

Há surdos que desejam tornar-se jornalistas, engenheiros, cientistas da comunicação e não fiquem presos ao curso de Letras-Libras por falta de um sistema inclusivo eficiente. Ainda é possível perceber que tudo aquilo que está fora do chamado “padrão social” é visto e tratado como algo a ser mudado ou corrigido. É fato que os surdos não são como os ouvintes, mas possuem língua própria e identidades. Fatores esses que precisam ser respeitados e inseridos na sociedade.

Por meio de algumas ferramentas, a LIBRAS vem ganhando visibilidade nos últimos anos, principalmente pela redação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM de 2017 ter trazido o tema “Desafios para a Formação Educacional de Surdos no Brasil”. A edição nacional de 2018 da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, ocorrida em Joinville – SC, disponibilizou duas intérpretes que traduziram toda a cerimônia de abertura, inclusive as músicas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito e histórico da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

A LIBRAS é a língua natural usado pelo povo e comunidade surda brasileira de modalidade gestual-visual por utilizar movimentos gestuais e expressões faciais percebidas pela visão como meios de comunicação. Ela se diferencia da estrutura da

língua portuguesa tendo sua própria composição gramatical, semântica, pragmática, entre outras. No Brasil existe ainda a KLS, uma língua de sinais que é utilizada no estado do Maranhão pelos índios Urubus-Kaapor.

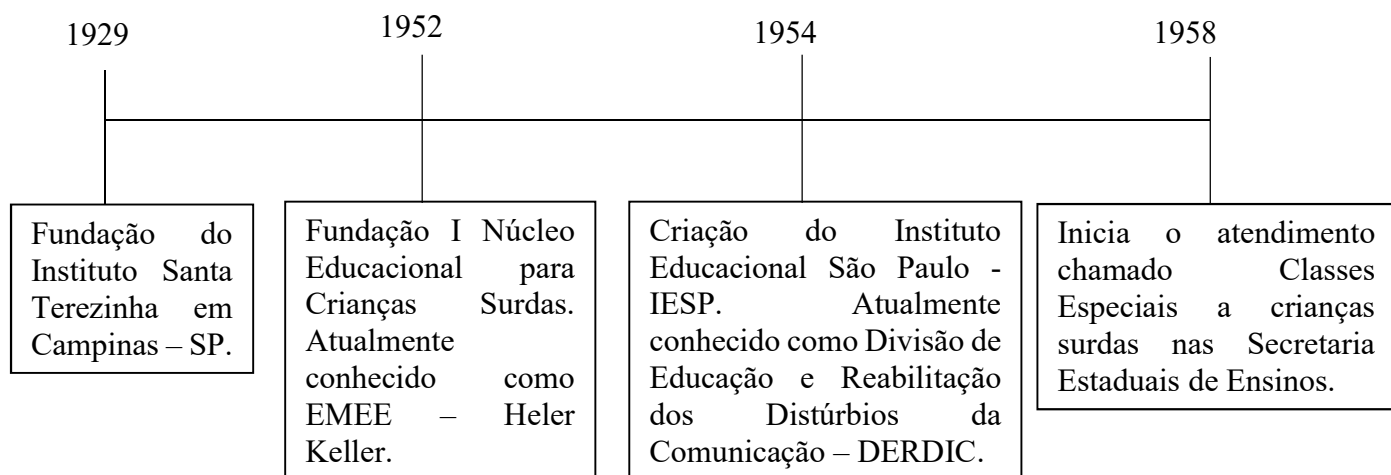
Diferente do que muitos pensam, cada país possui sua língua de sinais, ou seja, a LIBRAS é utilizada exclusivamente no Brasil. Alguns outros exemplos são: LGP – Língua gestual portuguesa; e a ASL – *American sign language* (língua de sinais americana).

Os surdos sofreram muito em sua trajetória. Segundo Strobel (2009), muitos eram vistos como almaldiçoados e inválidos chegando a serem mortos, transformados em escravos e impedidos até mesmo de se casarem. Há relatos de surdos que tiveram suas mãos amarradas para que não usassem a língua de sinais para se comunicarem.

A língua de sinais chega ao Brasil em 1855 com Eduardo Huet, um professor surdo francês. Em 26 de setembro de 1857, ele funda a primeira escola para surdos localizada no Rio de Janeiro e intitulada Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. Atualmente, ele é conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Em 1911, é implementado o método oral puro. Contudo, os surdos persistiram em utilizar os sinais fora das salas de aula. Em 1970, a oralização ainda predominava na educação dos surdos o que acabou empobrecendo a língua de sinais e prejudicou a cultura surda. 15 anos depois, em 1986, a Comunicação Total chega ao Brasil e em 1994 a abreviação LIBRAS começa a ser utilizada.

A partir de 2002, grandes passos começaram a ser dados em prol da Língua de Sinais Brasileira como a regulamentação do idioma perante a legislação do país. Outras datas importantes que marcaram a sua história foram:



Fonte: linha do tempo elaborada pela pesquisadora/2019

2.2 Leis que a regem

No dia 24 de abril de 2002, o então presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a lei nº 10.436 que reconhece a LIBRAS como um meio legal de comunicação e expressão de comunidades de pessoas surdas no Brasil que possui um sistema linguístico visual-motor e gramática própria. Garante o atendimento, tratamento adequado e a inclusão nos sistemas educacionais estaduais, federais em nível médio e superior nos cursos de educação especial, fonaudiologia e magistério.

Além disso, o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta a lei nº 10.436. Dessa forma, a pessoa surda foi considerada a que se comunica com o mundo utilizando o meio visual e a LIBRAS. A língua também foi incluída como disciplina curricular obrigatória nos cursos formadores de professores para o magistério em todos os níveis de ensino e instituições, para os demais ela se constitui como optativa. Com isso, tornou-se possível, também, a formação de professores, instrutores, tradutores e intérpretes em LIBRAS.

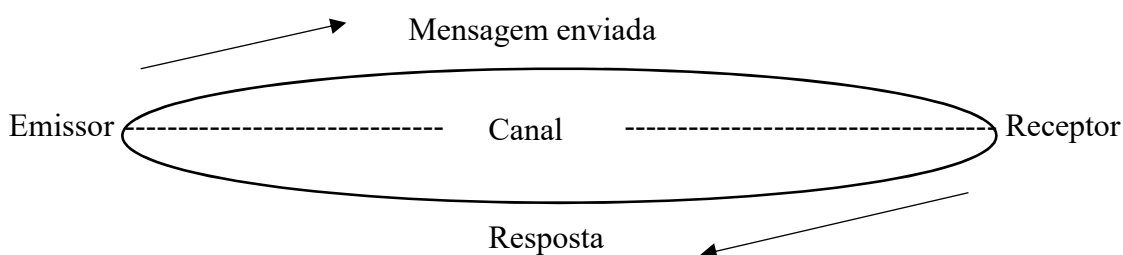
O decreto também garante à pessoa surda o acesso a comunicação, informação e educação nos processos seletivos e todas as etapas da educação garantindo a inclusão por meio de escolas bilíngues nos anos infantil e iniciais do ensino fundamental.

2.3 Processo comunicacional da pessoa surda

Segundo Gomes (2007), o processo comunicacional é “compreendido como uma das bases estruturadoras da sociedade” sendo fortemente vinculada a sobrevivência da humanidade por meio de conhecimentos que permitem a expansão e dominação do mundo.

Pode-se considerar a comunicação como uma ferramenta imprescindível em todos os tipos de relações, que só acontece de maneira satisfatória quando a mensagem é recebida com o mesmo sentido com o qual ela foi transmitida, podendo ser feita de várias maneiras, através da linguagem verbal ou não verbal, desde que seja um processo completo e coerente (SCHELLES, 2008).

Esse processo acontece quando há um emissor que expressa uma mensagem e a manda ao seu receptor através de um canal. O destinatário então interpreta a mensagem, que pode chegar com algum tipo de ruído, e dá a sua resposta. Sendo assim, o processo está completo como mostra o esquema abaixo.



Em relação aos surdos, o processo comunicacional pode acontecer por meio de três formas: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

No oralismo, a única forma de comunicação do surdo deve ser a língua falada, neste caso o português, proibindo o uso de qualquer sinal ou gesto. Um evento impactante para este método foi o Congresso de Milão, ocorrido entre os dias 06 a 11 de setembro de 1880. Neste, uma votação colocou o oralismo como única forma de educação para os surdos e chegou a quase extinguir a língua de sinais. É importante ressaltar que todos os votantes eram ouvintes. Seu principal defensor foi Alexander Graham Bell, o inventor do telefone.

A comunicação total foi elaborada por Roy Holcom nos Estados Unidos no ano de 1968. Este defende a utilização de qualquer recurso linguístico, o importante é que o surdo consiga se comunicar com as pessoas ao seu redor. Entretanto, este método foi ineficaz no que se refere à construção da escrita e leitura da língua de sinais.

O bilinguismo surgiu na década de 1980. Neste, o surdo deve aprender a língua de sinais como língua materna e, em segundo plano, o idioma oral falado em seu país tornando-se, assim, bilingue. Este método é visto como o mais eficaz na educação do surdo.

Como os surdos são um grupo minoritário, o ensino bilingue permite que os ouvintes conheçam um pouco da LIBRAS facilitando a interação entre eles e a criação de meios de comunicação apropriados para a surdez. Desse modo, as informações chegarão a seus receptores de uma forma mais eficaz.

Em Manaus, há duas escolas voltadas para a educação especial de forma bilingue. O Instituto Filippo Smaldone iniciou suas atividades no dia 15 de fevereiro de 1984. É uma entidade filantrópica gerida pela Congregação das Irmãs Salesianas dos

Sagrados Corações. Além deste, há a Escola Estadual Augusto Carneiro, uma instituição de ensino da rede pública do Estado do Amazonas voltada para alunos surdos e deficientes auditivos. Nas demais escolas, o ensino ocorre através de um mediador.

3. A LIBRAS E O JORNALISMO

Os dados deste estudo foram coletados a partir de entrevistas com discentes, egressos e docentes do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Gil (1999) a define como “uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ et al., 1967, p. 273, *apud* GIL, 1999, p. 109)

Ao todo, foram selecionadas 16 pessoas para as entrevistas. Contudo, apenas 11 responderam. Sendo eles dois egressos, seis discentes e três docentes do curso de jornalismo. Os entrevistados receberam o seguinte questionário:

• *Você já teve algum contato com a língua de sinais brasileira? Se sim, como foi?*

De todos os entrevistados, apenas um ainda não havia tido nenhum tipo de contato com a libras. Mostrou-se que essa relação com a língua veio dos mais diversos lugares como a presença de surdos no convívio familiar, amigos, eventos, trabalhos acadêmicos e até disciplinas optativas na universidade.

Contudo, somente uma se submeteu ao curso básico de libras tendo maior acesso e conhecimento da estrutura gramatical e dos sinais registrados. É perceptível que muitos desconhecem a complexidade que é estudar o idioma.

• *Qual a importância da LIBRAS para o jornalismo?*

Com base nas respostas, a LIBRAS é de extrema importância para o jornalismo, principalmente por sua função básica ser comunicar. A disseminação de informações acaba sendo comprometida quando um grupo de pessoas não tem acesso a ela, neste caso, o povo surdo.

A discente do curso de jornalismo, Mariana Silva, chega a citar um dos processos comunicacionais do surdo: o oralismo. Segundo ela, antigamente a pessoa surda era obrigada a aprender a falar e a libras foi fundamental para que a comunidade pudesse se comunicar e zelar por sua própria cultura. A docente Ivânia Vieira também é bastante crítica perante o assunto:

Para a vida, necessitamos conhecer e utilizar essa linguagem. Somos incompletos sem ela. Libras nos proporciona imersões na nossa condição humana em busca da humanização. O jornalismo e também outras áreas precisam considerar e valorizar. Estamos muito aquém daquilo que deveria ser uma conduta natural. Nossas narrativas estão incompletas diante da nossa ignorância nessa área. Devemos questionar o porquê de nos mantermos ignorantes e de sermos mantidos nessa ignorância como se a questão não nos dissesse respeito (Entrevista com Ivânia Vieira, 17 de julho de 2019)

• *A LIBRAS é uma forma de comunicação. Então seu ensino deve ser ofertado no curso?*

Para esta pergunta, a resposta foi unânime. A libras deve ser ofertada no curso de jornalismo, mas há divergências entre ser colocada como matéria optativa ou obrigatória. Segundo os entrevistados, o ensino da língua aprimoraria a prática da inclusão já que a informação precisa chegar a todos, ou seja, ninguém deve ser privado de conteúdo por possuir determinada característica.

O relato dado pela jornalista e professora do curso, Edilene Mafra, conseguiu explicar de forma eficiente a importância de se ofertar o idioma aos futuros profissionais da comunicação para que possam atender ao interesses da sociedade como um todo levando a informação de forma qualificada.

Sem dúvida alguma é uma forma de comunicação, trata-se de um idioma. Permite que os surdos tenham acesso ao mundo e tudo que há nele, que possam se desenvolver como pessoas e descobrir seus talentos. Também traz a possibilidade dos surdos se tornarem cidadãos críticos, conhecer seus direitos e deveres, além de entender seu papel na sociedade. Em uma perspectiva mais geral, a Libras leva os surdos a lugares aonde jamais imaginaram ir (por meio de tecnologias como a internet), permite que possam vivenciar experiências e ter sensações que jamais teriam se não existisse essa forma de comunicação com o mundo no qual estão inseridos. Acredito que se o ensino de Libras no Jornalismo estivesse definido nas DCNs seria um ganho para todos. (Entrevista com Edilene Mafra, 06 de julho de 2019)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, desenvolveu-se o histórico e conceito da Língua de Sinais Brasileira, as leis em que está enquadrada e explicou como acontece o processo comunicacional do surdo a partir do oralismo, da comunicação total e do bilinguismo.

As entrevistas realizadas com discentes, egressos e docentes do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM mostraram como essas pessoas tiveram contato com a LIBRAS, a importância da língua ser inserida no âmbito da comunicação não se limitando aos cursos de licenciatura e a unanimidade em tê-la sendo ofertada na grade curricular.

É importante que a LIBRAS seja colocada em prática como uma forma de interação entre ouvintes e surdos. Trabalhar a inclusão permite aos jornalistas um alcance maior das informações divulgadas pelos meios de comunicação perante a sociedade e grupos minoritários. Além disso, a língua é a forma dos surdos e deficientes auditivos terem acesso total ao que o mundo e as pessoas têm a oferecer. Deve ser respeitada e ofertada como qualquer outro idioma.

REFERÊNCIAS

A comunicação total para deficientes auditivos. Disponível em <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/a-comunicacao-total-para-deficientes-auditivos/31529>>. Acesso em 07 de maio de 2019.

Apostila do curso de Libras – Nível 1 do Centro de Estudos de Línguas – CEL da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>: Acesso em: 02 de maio de 2019.

Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>: Acesso em: 02 de maio de 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

GOMES, R.A.L. **A comunicação como direito humano**: um conceito em construção. 2007. 206 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

Instituto Filippo Smaldone. Disponível em <<http://institutofilipposmaldone.com.br/manaus/instituto-filippo-smaldone/>>. Acesso em 01 de julho de 2019.

O bilinguismo: o que é? Disponível em <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/o-bilinguismo-o-que-e/33865>>. Acesso em 07 de maio de 2019.

O conflito do Congresso de Milão. Disponível em <<https://paulohenriqueibras.blogspot.com/2016/02/o-conflito-do-congresso-de-milao-1880.html>>. Acesso em 07 de maio de 2019.

Os elementos do processo de comunicação. Disponível em <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/os-elementos-do-processo-de-comunicacao/36849>>. Acesso em 07 de maio de 2019.

Oralismo: filosofias educacionais para surdos. Disponível em <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/oralismo-filosofias-educacionais-para-surdos/43065>>. Acesso em 07 de maio de 2019.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

RIBEIRO, Rafaella de Oliveira Canquerino; BIERNASKI, Simone do Rocio. **Aspectos da comunicação do sujeito surdo e sua inclusão na sociedade.** Disponível em <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25417_13281.pdf>. Acesso em 01 de maio de 2019.

SANTOS, Delzuita Alves dos. **Aluno surdo: Aquisição e importância do bilinguismo nos anos iniciais.** Disponível em <https://cpee.unifesspa.edu.br/images/anais_ivcpee/Comunicacao_2017/ALUNO-SURDO-AQUISIO-E-IMPORTNCIA-DO-BILINGUISMO-NOS-ANOS-INICIAIS.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2019.

SHELLES, S. **A importância da linguagem não-verbal nas relações de liderança nas organizações.** Revista Esfera, Brasília, n. 1, p. 1-8, 2008.

STROBEL, Karin. **História da Educação de surdos.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.